RESENHA

ZULIM, Leny Fernandes. ***Literatura no ensino fundamental: da teoria às práticas em sala de aula***. Londrina: Amplexo Editora, 2011. 160p.

Para facilitar a entrada ao universo literário

EVA PAULINO BUENO*

Com este livro, Leny Fernandes Zulim discute diversos temas relacionados à prática pedagógica, assim como várias vertentes pedagógicas e literárias. Como seu tema é o ensino de literatura, ela utiliza sua experiência em sala de aula, e faz sugestões pertinentes, com uma prosa elegante e sucinta. De quebra, também nos conta histórias e nos anima a seguir adiante na profissão de professores.

O livro abre com a história de Pandora, a mulher criada por Zeus para castigar os homens por sua desobediência. Antes de enviá-la à Terra, Zeus lhe entregou uma caixa e lhe recomendou que não a abrisse. Porque Zeus havia criado esta mulher como um ser incapaz de resistir à curiosidade, Pandora abriu a caixa para ver o que havia dentro. De lá saíram rapidamente todos os males do mundo, mas a curiosa Pandora conseguiu fechar a caixa antes que de lá saísse a esperança. Zulim nos conta esta fábula exemplar por três razões principais, que ela discute nas primeiras páginas do capítulo 1, "Literatura: teoria que explica e justifica a prática." O fato de a esperança ser a única que sempre está disponível é uma metáfora muito apropriada para nós que somos professores.

Deste ponto em diante, a autora nos apresenta vários ensaístas que têm estudado o ensino de literatura através dos anos. Uma das colocações que chama a atenção até mesmo de quem não se dedica ao ensino de literatura, vem de nosso Antonio Cândido, professor, crítico literário, ensaísta, que discute os direitos humanos e a literatura. Zulim discute o pensamento de Cândido, e escreve que o escritor apresenta esta relação entre direitos humanos a literatura como o entendimento e a aceitação de que, "aquilo que é indispensável para mim, também o é para meu próximo" (2). Cândido classifica estes direitos como "*compressíveis* (os supérfluos) tais quais os cosméticos, os adornos na roupa, e *incompressíveis* (aqueles que não podem ser negados a ninguém) como a alimentação, a moradia, a saúde" (2).

Mas Cândido estende, e Zulim concorda, que estes bens *compressíveis* vão além daqueles que garantem a mera sobrevivência física, e que são "também os que garantem a integridade espiritual, tais como o direito à crença, à opinião, ao lazer e à arte (incluindo-se aí a literatura)" (2). De fato, mesmo em matérias mais "científicas" há uma base de "história," e, em alguns casos, ficção mesmo. Basta perguntar aos experts em

física sobre como se iniciou sua disciplina, por exemplo.

Neste capítulo 1, que funciona como uma introdução teórica, Zulim em seguida discute também um conto de Marina Colasanti, "Com sua voz de mulher" (p 2), em que Colasanti exemplifica a necessidade humana de ouvir e contar histórias.

Zulim nos pergunta, o que cria no jovem o prazer da leitura? Primeiro, o exemplo dos pais. Em uma casa em que ler é associado ao prazer, ao relacionamento entre pais e filhos, a geração mais jovem vai ler, vai desfrutar o que ler, vai saber entender, comentar, discutir. E não só histórias. A criança pré-alfabetizada que ouve histórias lidas pelos pais, quando cresce e aprende a ler, vai continuar lendo, e vai poder ampliar sua leitura para outros campos. Uma pessoa que não sabe o valor da leitura, que não tem nenhum prazer em ler, quando tiver que ler um artigo de jornal ou de revista, por exemplo, não vai saber interpretar, não vai saber ler nas entrelinhas. Porque uma das diferenças entre o leitor sofisticado e aquele que lê "pescando" informação é que o primeiro consegue ler além do que está escrito. O segundo, pode "regurgitar" a informação, as cifras, as datas, mas não vai saber nunca interpretar, entender. E esta capacidade é algo desenvolvido desde a primeira infância, com o desfrute da literatura como algo lúdico, algo que vem juntamente com outros valores transmitidos pelos pais.

Mas, para nós professores, como nos recorda Zulim, a tarefa de ensinar literatura muitas vezes se torna mais difícil, porque em muitos casos "as famílias, o primeiro espaço em que [os estudantes] poderiam e deveriam encontrar esse valor cultural, tem se esquivado dessa formação (...) e delegado toda a educação dos filhos ao estrito papel social do professor" (p.12). O problema, como diz Claudio Moura Castro em seu artigo "Os professores e a regra de três" (citado por Zulim neste capítulo), é que os estudantes que estão se preparando para ser professores, "ouvem falar dos livros de muitos autores, vivos e defuntos, nenhum dos quais ensinam dar aula (...). Resultado: os professores se sentem perdidos diante dos seus alunos" (p. 14).

Então chegamos ao que eu penso ser um dos objetivos para que Leny Fernandes Zulim escrevesse o livro: compartilhar com outros lições que ela aprendeu como professora, durante toda uma carreira dedicada ao ensino da literatura. As quatorze sugestões que se seguem são extremamente práticas e podem ser usadas em outros níveis além do primário e secundário. Confesso aqui que, mesmo com meus alunos universitários, dedico um horário de aula cada semestre para conhecermos a biblioteca; é impressionante que muitos deles, inclusive os que estão a prestes a se formar, nunca haviam ido à biblioteca! Outras sugestões, como "instigar a curiosidade," ou "aproveitar a oportunidade para explorar conteúdos relacionados ao texto literário lido," no meu ponto de vista, podem ser usadas para todas as matérias. É muito comum que os estudantes "perdem o gosto" por uma matéria porque o próprio professor não os animam a conhecer melhor o assunto, a ir além, a se divertirem dentro e com o assunto.

Zulim termina este capítulo lembrando-nos que "cabe ao professor pensar, criar situações para que se aproveite a leitura. Afinal, ela pode ser o dínamo a agitar a vontade de pesquisar e conhecer" (p. 23).

Aproveitando esta veia de preparação de professores, Zulim utiliza os capítulos 2,

3, e 4 para sugerir modos de trabalhar vários tipos de textos literários. O capítulo 2 é dedicado aos livros apropriados para a quinta série; o capítulo 3 para a sexta série, e o 4 para a sétima série. Os livros são sugestões, obviamente, e os exercícios propostos indicam é que eles podem ser modificados para outros livros, até mesmo para outras atividades em sala de aula.

Todos os livros sugeridos por Zulim são de autores brasileiros, e todos nos dão uma mostra da grande criatividade, do grande talento de nossos escritores. Escrever literatura infantil requer tanta criatividade e tanta dedicação como escrever para adultos, e talvez requeira ainda mais, porque o escritor tem que adequar sua linguagem, seus recursos de forma a atrair a atenção, divertir, instigar a seguir adiante, sempre respeitando a inteligência e a idade dos leitores. É um grande prazer para mim, como professora de literatura, chegar a conhecer estes livros de literatura infanto-juvenil brasileira através de Leny Zulim.

Para finalizar, retomo a idéia dos bens *compressíveis* e os *incompressíveis*. Em um tempo em que há uma grande tendência a considerar-se bem educada aquela pessoa que tem o emprego mais rentável, e que os empregos rentáveis nunca estão na categoria do magistério, vale perguntar por que tantos de nós ainda nos propomos a ser professores, a formar professores e, ainda mais, professores de literatura?

Certamente nossos alunos vêm à escola por vários motivos, entre eles — e muitas vezes enfatizado mais que os demais — o motivo imediato é conseguir uma profissão (e quanto mais supostamente financeiramente rentável, melhor). Obviamente, a escola prepara novos profissionais para seguir cuidando da saúde, da construção, das indústrias, etc., e tem que ter um sentido prático. Ao estudar, a geração mais nova aprende com a anterior, e vai aumentar o cabedal humano, incluir nele seus conhecimentos na luta diária pela vida. Mas este cabedal humano é mais que coisas práticas. Ser humano é muito mais que saber apertar um parafuso, fazer cálculos matemáticos, construir coisas, destilar produtos químicos. É também cantar, apreciar a natureza, apreciar nossas histórias, nossos "causos", nosso passado, nossa beleza interior e exterior. O aluno que vem à escola — em qualquer grau – somente para ser treinado, está sendo roubado de seu patrimônio humano. Não somos robôs. Não somos habitantes da distopia que Aldous Huxley descreve em *Admirável mundo novo*, quando as pessoas são geradas com estritos códigos genéticos para fazer uma coisa só.

Este livro de Leny Fernandes Zulim nos chama a atenção, a todos nós que somos professores, para um de nossos deveres mais sagrados para com nossos alunos: compartilhar com eles a herança humana. Para nós professores de literatura, que temos contacto com as muitas histórias, as muitas experiências representadas através de contos, peças de teatro, romances, poesias, ensaios, esta herança pode ser compartilhada com prazer, com alegria. Zulim nos ensina alguns passos. Vamos cada um de nós experimentá-los e inventar os nossos também.

Recebido em 2013-09-26
Publicado em 2013-10-06

* **EVA PAULINO BUENO** é Professora de Espanhol e Português na St. Mary's University, em San Antonio, Texas.